

Educação popular em saúde na abordagem sobre drogas com adolescentes

Antonio Cleano Mesquita Vasconcelos¹, João Henrique Vasconcelos Cavalcante², André Luis Façanha da Silva³, Stela Lopes Soares⁴

Resumo

Este texto relata ações de educação popular em saúde na prevenção do uso indevido de drogas por adolescentes. Tais intervenções foram promovidas pelo Programa de Educação pelo Trabalho (PET-Saúde Redes de Atenção), especificamente na Rede de Atenção Psicossocial, vivenciadas por um acadêmico de Educação Física. As atividades foram realizadas em uma escola de ensino médio da rede pública de ensino de Sobral, Ceará, durante o primeiro semestre de 2014. Utilizou-se como método pedagógico o Círculo de Cultura de Paulo Freire, em que foram trabalhados temas advindos da fala dos educandos, como corpo, liberdade e violência, a fim de gerar reflexões mais abrangentes, voltadas ao contexto dos adolescentes, para, então, discutir sobre consequências do uso de drogas nesses contextos. A educação popular em saúde mostrou-se importante na abordagem sobre drogas, na prevenção de seu uso e na promoção de atitudes saudáveis. Conclui-se, também, que a experiência vivida agregou um valor acadêmico e profissional, proporcionando uma vivência diferenciada da grade curricular, mostrando outras possibilidades de atuação do profissional de Educação Física.

Palavras-chave

Educação Popular em Saúde. Saúde do Adolescente. Drogas.

1. Graduando em Educação Física na Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: cleano.vasconcelos@hotmail.com.

2. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; professor do curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: jhvc80@hotmail.com.

3. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará; professor do curso de Educação Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: andre_facanha@hotmail.com.

4. Especialista em Fisiologia do Exercício e Biomecânica do Movimento pela Universidade Estadual Vale do Acaraú; professora do curso de Educação Física da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: stelalopesoares@hotmail.com.

Popular health education approaching drug with teenagers

Antonio Cleano Mesquita Vasconcelos*, João Henrique Vasconcelos Cavalcante**, André Luis Façanha da Silva***, Stela Lopes Soares****

Abstract

This text is a living report of popular education programs in health preventing drug abuse by teenagers. These interventions are part of the Labor Education Program (PET-Saúde Redes de Atenção), specifically in Psychosocial Care Network, experienced by an academic of Physical Education. The activities were performed in a public high school in Sobral, Ceará, Brazil, in the first semester of 2014. We used the Culture Circle of Paulo Freire as a teaching method, with the issues from the speech of students, such as body, freedom and violence to generate more comprehensive reflections, focused on the context of adolescents, and then discuss the consequences of drug use in these contexts. The popular education in health was an important factor to prevent its use and promoting healthy attitudes. It follows, too, that the experience in Care Networks PET-Health is an academic and professional value, providing a differentiated experience of curriculum, showing other professional possibilities of Physical Education.

Keywords

Popular Education in Health. Adolescent Health. Drugs.

*Undergraduate in Physical Education, Estadual University of Vale do Acaraú, Ceará, Brazil. E-mail: cleano.vasconcelos@hotmail.com.

**MSc in Healthy Family, State University of Vale do Acaraú, Ceará, Brazil; professor of nursing, State University of Vale do Acaraú. E-mail: jhvc80@hotmail.com.

*** MSc in Healthy Family, Federal University of Ceará; professor of Physical Education at State University of Vale do Acaraú. E-mail: andre_facanha@hotmail.com.

**** Specialist in Exercise Physiology and Biomechanics Movement, State University of Vale do Acaraú, Ceará, Brazil; professor of Physical Education, State University of Vale do Acaraú. E-mail: stelalopesoares@hotmail.com.

Introdução

A utilização abusiva de drogas representa um acentuado problema de saúde pública no planeta. Nesse sentido, são necessárias atividades de conscientização com o público adolescente, por este ser o mais vulnerável a tal uso (ALMEIDA FILHO et al., 2007; SCHENKER; MINAYO, 2005).

A adolescência é uma importante etapa na vida de cada indivíduo, porém, requer muita atenção, pois há ocorrência de vivências e descobertas significativas, como também a construção da personalidade e da individualidade. Fase de transição entre a infância e a vida adulta, na qual ocorrem transformações nem sempre aceitas. É nessa fase também que surgem os conflitos familiares, em que os pais perdem bastante o domínio sobre os filhos (ALMEIDA FILHO et al., 2007; FERREIRA, 2006).

Para atuar com tal público, são necessárias abordagens adequadas, que sejam oriundas de uma filosofia que contemple a subjetividade desse contexto, sendo bem mais ampla que um método pedagógico. Diante desse contexto, surge a educação popular em saúde, a qual se constitui como estratégia capaz de disseminar o saber e apoiar os processos de redução das desigualdades regionais e das iniquidades sociais, pela participação ativa dos sujeitos na construção de processos educacionais mais próximos de suas realidades de vida (PEDROZA, 2008).

A educação popular em saúde, apesar de haver uma polissemia em sua conceituação, está concretizada nas ações sociais interligadas às necessidades sociais e à elaboração de políticas públicas, promovendo lutas coletivas na busca de autonomia, solidariedade, justiça e equidade (PEDROZA, 2008). Originou-se a partir da educação popular, que, segundo Paludo (2001), sempre esteve vinculada ao movimento de forças políticas e culturais comprometidas na construção das condições humanas imediatas, visando melhorias da qualidade de vida das

classes populares, e na construção de uma sociedade que vincule realidade e liberdade.

O pedagogo Paulo Freire é talvez o maior nome da educação popular da história. Seus conceitos foram incorporados no campo da saúde devido sua amplitude, tais como: liberdade, humanização, conscientização, diálogo, cultura, reflexão crítica e problematização (MIRANDA; BARROSO, 2004). Após Freire, vários outros autores, principalmente intelectuais das classes populares, passaram a dar suas contribuições nas vivências da educação popular em saúde (BRASIL, 2014).

Já na década de 1970, insatisfeitos com as práticas mercantilizadas e rotinizadas dos serviços de saúde, e na ânsia de uma atuação voltada às classes populares, motivados pelo advento da Educação Popular freiriana, profissionais de saúde foram se inserindo e se fixando em periferias e no campo, onde conviveram com o processo saúde-doença no meio popular e interagiram com os movimentos sociais e militância de outros grupos intelectuais. Assim, muitos ressignificaram suas práticas na busca do amplo enfrentamento dos problemas de saúde encontrados (VASCONCELOS, 2001).

A educação popular realizada por profissionais de saúde passou bastante tempo sendo promovida, de maneira alternativa, nas comunidades. Entretanto, sua articulação com o Ministério da Saúde só se consolidou mais recentemente, através de alguns acontecimentos, tais como a promoção de encontros estaduais de movimentos sociais. Em 2003, realizou-se o Encontro Nacional desses movimentos, tendo como produto a criação da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (ANEPS). Já a partir de julho de 2005, ocorre a criação da Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e a Mobilização Social do Departamento de Apoio a Gestão Participativa (DAGEP) da Secretaria de Gestão Estratégica e

Participativa (SGEP), mantendo os propósitos das organizações anteriores (PEDROSA, 2007).

Outro marco importante foi a criação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS), em 2012, a qual busca regulamentar e consolidar a educação popular em saúde a partir de quatro eixos estruturantes: Participação, Controle Social e Gestão Participativa; Formação, Comunicação e Produção de Conhecimento; Cuidado em Saúde; Intersetorialidade e Diálogos Multiculturais (BRASIL, 2012).

A partir da problemática e por meio desses conceitos, estratégias relacionadas à educação popular em saúde foram utilizadas na abordagem de adolescentes na prevenção ao uso de drogas pelo Programa Educação pelo Trabalho na Saúde (PET-Saúde). De modo geral, o PET-Saúde consiste em um programa de formação complementar em saúde com a finalidade de fomentar a formação de acadêmicos para a Estratégia Saúde da Família (ESF), utilizando a educação tutorial como um instrumento para a qualificação em serviço dos profissionais da saúde, bem como de iniciação ao trabalho e vivências dirigidas aos estudantes dos cursos de graduação na área da saúde, de acordo com as necessidades e demandas do SUS, na perspectiva da inserção das necessidades dos serviços como fonte de produção de conhecimento e pesquisa nas instituições de ensino, promovendo a integração multiprofissional entre acadêmicos e profissionais de saúde (BRASIL, 2010).

Entre algumas versões existentes, existe o PET-Saúde Redes de Atenção, que se divide em redes de atenção à saúde, dentre elas a Rede de Atenção Psicossocial, também conhecida como Rede de Atenção à Saúde Mental, com enfoque no enfrentamento ao álcool, *crack* e outras drogas. A Rede prepara o discente para o serviço e para lidar com o problema da demanda da atenção à saúde em várias esferas. Dentre as linhas de atuação da Rede de Atenção Psicossocial, há uma que atua na prevenção do uso indevido de drogas na adolescência, por

meio do estímulo a atitudes saudáveis e do desenvolvimento da autonomia desse público.

Desse modo, este trabalho tem por objetivo descrever ações de educação popular em saúde na prevenção do uso indevido de drogas pelo público adolescente, promovidas pelo PET-Saúde Redes de Atenção e vivenciadas por um acadêmico de Educação Física. Busca também mostrar possibilidades de intervenção com o público adolescente, temas ainda com restrições e tabus, como as drogas, por meio de um referencial que busca historicamente promover uma educação participativa, crítica e libertadora.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de ações de educação popular em saúde na prevenção do uso de drogas por adolescentes, promovidas pelo Programa Educação pelo Trabalho na Saúde ou PET-Saúde Redes de Atenção, especificamente na Rede de Atenção Psicossocial, que prioriza o enfrentamento ao uso indevido de substâncias psicoativas. Nesse contexto, um acadêmico de Educação Física de forma multiprofissional com acadêmicos e preceptor (profissional do serviço) do curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desenvolveram tais ações.

As ações foram realizadas em uma escola de ensino médio do município de Sobral-CE. Os adolescentes envolvidos eram estudantes do ensino médio, com faixa etária entre 14 e 17 anos e a quantidade de estudantes por turma ficava entre 35 a 40 educandos. A grande maioria dos estudantes é oriunda do próprio município, incluindo bairros mais periféricos e distritos. As atividades ocorreram semanalmente ao longo do primeiro semestre de 2014.

Para as atividades de educação em saúde foi utilizado o Círculo de Cultura que didaticamente pode ser descrito em três momentos (FREIRE, 2002a):

a. Investigação: por meio de visitas prévias à escola e conversas com estudantes e professores. Nesse momento, foi realizada a busca das palavras e temas mais significativos da vida dos adolescentes. Esses temas são chamados de temas geradores e a partir deles se desencadeia o processo de diálogo e reflexão crítica. Foram identificados três temas a serem trabalhados: cuidados com o corpo; liberdade e o uso de drogas; violência e as drogas.

b. Teorização/tematização: momento da tomada de consciência do mundo. Acontece por meio da análise dos significados sociais das palavras e temas geradores. Depois de identificadas as temáticas, foi realizada a construção de situações desafiadoras, codificadas e carregadas de elementos para serem decodificados pelo grupo com a mediação do educador. Como estratégias ativadoras do diálogo foram codificadas mensagens em imagens, músicas, dinâmicas de grupo e práticas corporais.

c. Problematização: partindo das situações codificadas, buscou-se a decodificação, pela reflexão crítica dos problemas apresentados. Nesse momento, os estudantes eram desafiados e inspirados a superar a visão mágica e a crítica do seu mundo, para uma postura conscientizada e conscientizadora.

Foi abordado o assunto drogas, não inicialmente citado nas intervenções, mas sim contextualizado por meio de outros aspectos comuns a realidade como forma de gerar reflexão, sendo alguns dos principais aqui relatados: corpo, liberdade e violência, temas buscados previamente na fala dos educandos ao retratarem alguns dilemas de suas realidades.

A partir dessa contextualização, discussão e associação do problema aos temas trabalhados é que se buscou falar sobre drogas. Essa medida ocorreu para não enfatizar as drogas como centro do diálogo, gerando reflexões diferenciadas, podendo até surtir efeito contrário ao esperado como, por exemplo, despertar curiosidade sobre tais substâncias.

Diálogos sobre o corpo

O primeiro momento aqui descrito foi realizado em uma das turmas onde o tema trabalhado foi “corpo”. Nessa atividade, buscou-se compreender a consciência corporal dos adolescentes tanto de maneira prática como tentando gerar reflexões teóricas, abordando o corpo não somente como algo biológico, mas também algo social e cultural por meio de seus próprios conceitos.

Foi realizado de início um alongamento, ao som de uma música, onde cada um, dentro de suas possibilidades e capacidades físicas, foi estimulado a participar. Apesar de algum constrangimento inicial, os estudantes foram se envolvendo na atividade e se deixaram levar pelo estímulo e pela sensação proporcionada. No final, os adolescentes até pediram a continuação da atividade demonstrando a sua aceitação.

Notou-se certa surpresa em alguns participantes a atividade de consciência corporal, o que aparentou que eles não tinham costume de realizar tal tipo de atividade. Assim, de acordo com Mendes et al. (2014), faz-se necessário enxergar a capacidade de mudanças do corpo humano, despertar potencialidades, não esquecendo de sempre respeitar os limites de cada um.

O corpo possibilita a compreensão da realidade na qual se está inserido por meio das relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade. No corpo, no movimento e em todo o universo das práticas e técnicas corporais estão inseridos valores

sociais, culturais, políticos e econômicos do momento histórico e cultural do ser humano (LAZZAROTTI FILHO; BANDEIRA; JORGE, 2005). “É preciso considerar o movimento dos corpos para afirmar sentidos significativos de suas relações com potencial de criar cultura” (SAMPAIO, 2006, p. 77). Para Merleau-Ponty (1999, p. 122),

O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.

É difícil dissociar o corpo de práticas corporais. Apesar de não haver na literatura um conceito para práticas corporais, o estudo de revisão feito por Lazzarotti Filho et al. (2010, p. 24) aponta que o termo aparece na literatura de forma geral como “uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações culturais”.

Práticas corporais são compreendidas como manifestações humanas, construídas coletivamente e culturalmente, assim como a saúde (FREITAS; BRASIL; SILVA, 2006). Consistem em uma alternativa importante para a educação, o lazer e a saúde, além de promoverem o desenvolvimento da condição de humanidade, por meio de vivências que “se constroem no corpo, a partir do corpo e por meio do corpo” (SILVA; DAMIANI, 2005, p. 22).

Dando sequência ao momento, ao perguntar aos adolescentes sobre o que pensaram a respeito da experiência, as respostas foram todas positivas. Assim, dialogou-se sobre a importância do cuidado do corpo por meio das práticas corporais como atitudes conducentes à saúde. De tal forma, vivências de práticas corporais devem estar continuamente em um processo de desequilíbrio, construção e reconstrução de conhecimentos e ações naturalmente expressas, as quais permitem autoconhecimento e consciência corporal a

ponto de promover satisfação em se movimentar (SILVA; DAMIANI, 2005).

O estudo de Vasters e Pillon (2011) sobre o uso contínuo de drogas por adolescentes mostra a intensa relação entre a utilização do tempo livre, atividades de lazer e o uso de drogas. Nesse estudo, os adolescentes relataram que há falta de atividades que os motivem e proporcionem o desenvolvimento pessoal, prazer e diversão (atividades lúdicas, culturais e esportivas) e, ainda, tais ocasiões de diversão são restritas a “eventos sociais” (festas), locais mais propícios ao uso de drogas.

Não é possível afirmar de fato que práticas corporais previnem por completo o uso de drogas, principalmente em adolescentes, mas é uma alternativa saudável na busca do bem-estar, diferentemente da enganosa sensação extrema de prazer proporcionada pelo uso de psicoativos. Além disso, o estímulo a práticas corporais pode desenvolver talentos em determinadas atividades, o que pode evitar interesse pela utilização de tais substâncias.

Em seguida, houve um momento em que foi entregue aos adolescentes uma folha de papel e lhes foi pedido que a amassassem ao máximo. Depois de amassada, a tarefa foi desamassá-la e, então, notou-se uma infinidade de marcas. Cada marca da folha, no mínimo, dificilmente poderia ser desfeita, a partir disso foi discutido o que poderiam corresponder a tais marcas em suas vidas.

A turma citou vários fatores que poderiam corresponder a tais marcas: “violência”; “sofrimento”; “uso de drogas”. Nesse momento, falou-se diretamente sobre drogas e um pouco sobre as consequências de seu uso indevido. O grupo se mostrou bastante ciente sobre os malefícios relacionados ao uso de drogas ao associarem as “marcas” desse uso no organismo à dependência, ao abandono e à morte. Dessa forma, antes de tentar fazê-los entender os malefícios do uso indevido de substâncias, contextualizou-se o corpo, fazendo reflexões

de modo a enfatizar sua importância para só depois mostrar a destrutividade das drogas sobre ele, assim problematizando e valorizando a fala dos sujeitos como forma de promover uma aprendizagem significativa.

Diálogos sobre liberdade e o uso de drogas

Em outra ação, foi realizado o Círculo de Cultura sobre liberdade, sendo este um tema bastante comum aos adolescentes que, por muitas vezes, demonstram ter dificuldade em exercer a própria liberdade por meio de vários aspectos. Nessa ocasião houve a junção de duas turmas do segundo ano para participarem da mesma atividade. No início, lhes foi perguntado “o que é liberdade?” e muitos responderam: “é poder fazer o que quiser”, “poder ir para onde quiser”, “não depender dos pais ou de ninguém para realizar qualquer tarefa”.

Nessa parte, foi colocada uma foto de um indivíduo à beira de um abismo com uma vista linda, para que eles refletissem se nesse caso havia liberdade. Alguns responderam: “Sim, estaria livre”. E foi perguntado: “Ele pode fazer o que quiser? Inclusive pular?” A resposta dada pela maioria foi: “Não, ele cairia, morreria”. Assim, mostrou-se que liberdade não necessariamente é poder fazer tudo que se tem vontade, pois isso pode gerar riscos para a saúde. Para ter liberdade é necessário ter discernimento para fazer as escolhas compatíveis com uma vida mais saudável e segura.

A seguir foram mostrados dois exemplos, o primeiro tratava-se de uma foto de uma gaiola. Foi perguntado aos estudantes o que seria uma gaiola em suas vidas. Muitos a relacionaram, principalmente, à “família” e à “escola”. Para eles, a família os impedia de fazer o que queriam. Já a escola impunha regras a serem seguidas, sem muitas possibilidades de questionamentos, como os horários rigorosos, portões fechados e penalizações no descumprimento das normas.

Como segundo exemplo, mostrou-se uma imagem de uma casca de ovo. Perguntados acerca do seu significado, um pouco apreensivos, alguns disseram que ela era importante para que o ser que está sendo gerado tenha proteção e, quando estiver pronto, conseguir nascer e ser capaz de sobreviver. A partir disso, foi feita a seguinte pergunta: “A família e a escola são gaiola ou casca de ovo?”. A maioria passou a ver de outra forma tanto a família quanto a escola, que foram consideradas como uma casca de ovo, por proteger e preparar os adolescentes para que, na hora certa, eles tenham capacidade de conseguir por si só traçarem seus próprios caminhos.

A integração do homem ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, é uma nota de suas relações, e que se aperfeiçoa na medida em que a consciência se torna crítica. Fosse ele apenas um ser da acomodação ou do ajustamento, e a história e a cultura domínios exclusivamente seus, não teria sentido, faltaria-lhe a marca da liberdade (FREIRE, 2002a).

Depois foi abordado de forma mais direta o tema drogas, por meio de perguntas, como: “Quem é dependente de drogas possui liberdade? É livre para fazer tudo que deseja?” Obteve-se a seguinte resposta: “Não, pois não tem controle sobre suas próprias vontades”.

Outra imagem foi mostrada, desta vez a de uma gaiola, toda enfeitada, e foi feita a seguinte pergunta: “É bom ficar nessa gaiola?” E as respostas foram: “Não, pois não deixa de ser prisão”. Assim, drogas foram comparadas à gaiola enfeitada, que, a princípio, parece ser agradável, bonita, mas que não passa de uma prisão e que uma vez por ela atraída e capturada, torna-se bastante difícil de sair.

Quando há somente a abordagem que desconsidera o raciocínio crítico do adolescente, gera uma assimilação temporária e frágil [...]. A informação, somada a outros fatores, como o vivido, constitui os saberes do adolescente e poderá vir a ser um dos fatores determinantes para a não utilização de

drogas. (ZEITOUNE et al. 2012, p. 60).

Nesse sentido, foram comparados os efeitos das drogas à gaiola, por aprisionar, tirar a autonomia e deixar o indivíduo escravo da dependência química, levando-o a sérios problemas que, além da saúde, afeta negativamente nos aspectos sociais por conta do estigma sofrido como principais malefícios.

De modo geral, adolescentes são os mais suscetíveis ao uso de drogas por se confrontarem, muitas vezes, com amigos usuários que ressaltam os “benefícios” das drogas e, assim, torna-se influenciável. Os adolescentes necessitam adquirir conhecimentos e valores que contribuam para uma atitude contrária ao uso, não por conta de imposição, mas por meio da própria consciência na liberdade de escolhas (ZEITOUNE et al., 2012).

Dessa forma, a adolescência constitui um período crítico para o início do uso de drogas, que pode ocorrer como mera experimentação por meio do consumo ocasional, indevido ou abusivo. O consumo de drogas pode ser desencadeado por diversos fatores: vontade e anseio próprio; influência; intensa busca por liberdade (CAVALCANTE; ALVES; BARROSO, 2008; SCHENKER; MINAYO, 2005).

Por fim, foi deixada a seguinte mensagem no Círculo de Cultura: “A droga te dá asas, mas tira o teu céu”, com o intuito de mostrar que o fato das drogas serem atrativas, promover prazer, bem-estar, melhorar as relações sociais, não compensam os malefícios causados, e podem trazer consequências irreversíveis, incompatíveis com uma vida saudável. “Talvez a liberdade só possa ser alcançada com consciência”, “o homem livre é aquele que é livre para acertar e para errar” (BENTO, 2010, p. 36).

Conforme coloca Oliveira (2005, p. 428):

Indivíduos conscientes são capazes de se responsabilizar pela sua própria saúde, não apenas no sentido da sua capacidade para

tomar decisões responsáveis quanto à saúde pessoal, mas, também, em relação à sua competência para articular intervenções no ambiente que resultem na manutenção da sua saúde.

Diante do exposto, faz-se importante promover a autonomia dos adolescentes para eles se responsabilizem por suas atitudes, de maneira orientada. No que se refere à saúde, isso é de fundamental importância na prevenção de atitudes que sejam prejudiciais, dentre elas o uso indevido de drogas, que foi o enfoque nestas intervenções.

Diálogos sobre violência e as drogas

O intuito nesta ocasião foi abordar fatores que podem influir expressivamente no consumo de drogas a partir do princípio de que a violência e as drogas estão relacionadas. De início foi realizada uma dinâmica com dois grupos de cinco pessoas, utilizando balões amarrados aos pés, que deveriam ser mantidos intactos. Venceria o grupo que conseguisse proteger seus balões, porém, em nenhum momento foi dito que estourassem algum balão adversário. Uma vez dado o comando para que se iniciasse o jogo, a maioria dos adolescentes buscou estourar os balões dos outros colegas sem se preocupar com o seu próprio balão.

Não houve muitas possibilidades de controlá-los a princípio, pois não hesitaram em estourar os balões uns dos outros de maneira determinada. Não queriam nem saber, dentro da disputa, quais eram os companheiros de equipe. O objetivo dos adolescentes foi decididamente estourar todos os balões de forma aleatória e, assim, tal dinâmica gerou excesso de competitividade e até certo estresse por parte dos participantes, que ainda discutiam sobre a atitude de alguns, em tentar estourar os balões a qualquer custo.

A reação dos adolescentes foi utilizada

como forma de problematização, uma vez que todos poderiam ter sido vencedores; bastava que tivessem colaborado entre si e cada um ter permanecido com seu balão intacto no seu lugar, assim, além da vitória coletiva, não haveria nenhum transtorno. Dessa forma, foi enfatizado que o excesso de competitividade pode levar à violência, e que, por outro lado, por meio da cooperatividade, todos podem alcançar objetivos comuns.

Nas reflexões seguintes, quando foram perguntados sobre o que provocava a violência, os alunos sempre citavam fatores externos, como marginalidade, falta de segurança pública de qualidade, tráfico de drogas. E quando se perguntou “Como agimos frente à violência? O que fazemos para que ela diminua?”, eles ficaram reflexivos, pois diante da reação das equipes frente à dinâmica dos balões, começou a ficar claro que, além dos fatores relatados pelos adolescentes, cada um na sociedade também pode contribuir com o problema da violência, colaborando, de certa forma, com sua continuidade, e tornando-a um problema enraizado na cultura, pois o fato de gerar reações, sempre torna essa situação interminável.

Os adolescentes relataram haver bastante violência no bairro onde vivem, e que ela se torna rotineira, parte do cotidiano, mas ela não deveria ser vista, principalmente por adolescentes, como situação comum, acabando por gerar conformidade frente a esse grave problema. Tais relatos ainda geravam reação por parte dos colegas, dando a entender que o bairro seria violento, o que acaba por estigmatizar muitos bairros que possuem ou já possuíram altos índices de violência e costumam sofrer com ela.

Assim, foi discutida em conjunto toda essa questão sobre violência, que gera mais violência, e que nós, como cidadãos, não temos contribuído para a melhora desse quadro, ao não fazer a nossa parte e adotar comportamentos vingativos, defensivos.

A relação entre violência e o uso

problemático de drogas pode ocorrer desde a marginalização de usuários, sede de poder de traficantes e confrontos com autoridades policiais, até a postura da população em cultivar a violência como forma de defesa nas relações interpessoais, dentre outros exemplos discutidos. Assim, a violência pode estar diretamente relacionada ao uso de substâncias psicoativas, dentre outros transtornos cotidianos.

Vale ressaltar que as substâncias psicoativas estão intimamente ligadas ao contexto cultural do ser humano há milênios, a princípio com fins terapêuticos e religiosos e, assim, cada sociedade sempre possuiu determinadas formas e fins de consumo, consistindo em um processo construído historicamente, com raízes encaixadas na cultura das sociedades. De tal modo, o ideal é educar sobre a temática e não agir de forma repreensiva (ROEHR; LENARDT; MAFTUM, 2008).

Considerações finais

Conclui-se este relato dando destaque à educação popular em saúde como ferramenta importante na abordagem sobre drogas por meio de métodos pedagógicos de tecnologias leves em saúde, como o Círculo de Cultura de Paulo Freire.

Especificamente neste caso, a contribuição foi para a formação sociocultural dos sujeitos em processo de formação de personalidade, estimulando atitudes saudáveis, que refletirão de forma positiva na saúde. Tais abordagens promoveram ao público diálogos e reflexões sobre a temática das drogas, gerando uma visão crítico-reflexiva e uma aprendizagem significativa, dando suporte ao estímulo da autonomia e protagonismo e, desse modo, promovendo tomadas de decisões mais ponderadas em relação às drogas.

Além disso, estimulou o público a expressar-se e tornar-se mais comunicativo, pois adolescentes, por natureza, têm algumas dificuldades em se expressar, devido ao

constrangimento em expor seus pensamentos ou não ter uma opinião formada em relação a determinadas questões, inclusive as mais polêmicas que envolvem certos tabus. Assim, essas barreiras tornaram-se superáveis diante de tais intervenções.

Apesar de algumas dificuldades de aplicabilidade do método, em virtude da adesão de poucos, além do comum constrangimento ou inquietação frente às atividades, o produto das ações foi bastante positivo, mostrando outras perspectivas de intervenção sobre drogas com adolescentes.

Em relação aos valores agregados por parte do acadêmico, o programa proporcionou conhecimentos sobre abordagem de temas polêmicos com adolescentes, por meio da utilização de princípios freirianos da educação

libertadora, gerando, assim, muitos saberes e relevantes experiências. Desse modo, por meio do PET-Saúde Redes de Atenção, tais experiências proporcionaram uma visão complementar na prevenção do uso de drogas e promoção de saúde. Novos conhecimentos e práticas que serão de grande valia profissionalmente foram gerados, agregando valores que ultrapassam a linha acadêmica e profissional, acrescentando também no aspecto social por promoverem contato com determinado público por meio de intervenções.

Em resumo, como diz Freire (2002b, p. 12), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Referências

ALMEIDA FILHO A. J. et al. O adolescente e as drogas: consequências para a saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 605-610, dez. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **II Caderno de educação popular em Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

_____. Portaria Gabinete do Ministro Nº 2.761, de 19 de novembro de 2012. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012.

_____. Portaria Interministerial Nº 421, de 3 de março de 2010. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 3 mar. 2010.

CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO M. G. T. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 555-559, set. 2008.

FERREIRA, M. A. A. Educação em saúde na adolescência: grupos de discussão como estratégia de pesquisa e cuidado-educação. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 205-211, abr./jun. 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.

FREITAS, F. F.; BRASIL, F. K.; SILVA, C. L. Práticas corporais e saúde novos olhares. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 169-183, 2006.

LAZZAROTTI FILHO A. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan.-mar. 2010.

LAZZAROTTI FILHO, A.; BANDEIRA, L. B.; JORGE A.C. A educação do corpo em ambientes educacionais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 141-161, jul.-dez. 2005.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MENDES, M. B. I. S. et al. Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1587-1609, 2014.

MIRANDA K. C. L.; BARROSO M. G.T. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação crítica em enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 4, p. 631-635, jul.-ago. 2004.

OLIVEIRA, D. L. A “nova” saúde pública e a promoção da saúde via educação: entre a tradição e a inovação. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 3, p. 423-431, maio-jun. 2005.

PALUDO, C. **Educação popular em busca de alternativas**: uma leitura desde o campo democrático popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PEDROSA J. I. S. Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências. In: BRASIL. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. A. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.12, n. 2, p. 353-357, jun. 2008.

SAMPAIO, T. M. V. Tecendo cultura com mediações que unem corpo, saúde e lazer. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 73-96, set./dez. 2006.

SCHENKER M.; MINAYO M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-711, 2005.

SILVA, A. M.; DAMIANI, I. **Práticas corporais**: gênese de um movimento investigativo em Educação Física. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

VASCONCELOS, E. M. Redefinindo as práticas de saúde a partir de experiências de educação popular nos serviços de saúde. **Interface**, Belo Horizonte, v. 8, p. 121-126, 2001.

VASTERS G. P; PILLON S. C. O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e

abandono de tratamento especializado. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, mar.-abr. 2011.

ZEITOUNE, R. C. G. et al. O conhecimento de adolescentes sobre drogas lícitas e ilícitas: uma contribuição para a enfermagem comunitária. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 57- 63, jan.-mar. 2012.

Submetido em 31 de julho de 2015.

Aprovado em 10 de agosto de 2015.